

CORREIO BASTIDORES

POR
FERNANDO MOLICA

Waldemir Barreto/Agência Senado



Presidente do Senado articulou derrota

Alcolumbre vira inimigo número 1 do Planalto

A recusa da indicação de Jorge Messias para o Supremo Tribunal Federal transformou o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), no principal inimigo do Palácio do Planalto.

Pouco depois da votação, um integrante do governo comentou que o ódio ao senador ultrapassava, naquele momento, o reservado ao ex-presidente Jair Bolsonaro.

A tendência é de que, acuado, o Palácio do Planalto parta para a guerra aberta — para acirrar a briga, hoje, também sob o comando de Alcolumbre, sessão conjunta do Congresso Nacional deverá derrubar o veto do presidente Lula ao projeto de lei que diminui a pena de condenados por golpismo

Missão quase impossível

O grande desafio do governo é tentar impedir que a goleada sofrida no caso Messias não complique articulações voltadas para a eleição.

Apesar da humilhação imposta pelo Senado, o Planalto não quer passar a ideia de que a derrota foi uma espécie de prévia da disputa de outubro.

O placar elástico indica que Lula não terá como indicar outro nome pro STF. Só em 2027, se for reeleito.

Carlos Moura/Agência Senado



Jorge Martins durante sabatina da CCJ

Dois pra lá, dois pra cá

Líder do PL no Senado, Carlos Portinho (PL) relativizou a vantagem de cinco votos obtida por Jorge Messias na Comissão de Constituição e Justiça. Pouco depois das 17h, ele, dissera à coluna que acreditava em uma vitória de Messias por “dois ou três votos” na CCJ.

Portinho disse que acertou: como a votação era na base do sim ou não, um voto para um ou outro gerava uma diferença de dois na soma final.

Mas nem ele esperava placar tão elástico no plenário: previu vitória ou derrota por dois votos.

As armas de Caetano

O senador Márcio Bittar (PL-AC) negou, à tarde, ter dito que Caetano Veloso pegara em armas contra a ditadura. Mas sua fala foi registrada pela taquigrafia. Segundo ele, Fernando Gabeira e Caetano declararam: “Nós não lutávamos pela democracia, nós lutávamos pela implantação da ditadura do proletariado”. Em nome disso, pegaram em arma, foram para a guerrilha urbana e rural (...).”

Identificação

A pesquisa Quaest em São Paulo traz pontos festejados pelo PT, principalmente o empate, entre os mais pobres e menos instruídos, entre Fernando Haddad e o atual governador, Tarcísio de Freitas (Republicanos). Para o partido, isso indica identificação entre o petista e classes populares.

Empates

Em um dos cenários para o primeiro turno, sem a presença de Paulo Serra (PSDB), Tarcísio e Haddad estão empatados com 29 pontos entre os que têm renda familiar de até dois salários mínimos. Com o tucano no páreo, o atual governador tem 28% contra 26% do petista, o que caracteriza empate técnico.

Escolaridade

Cenário parecido ocorre em relação ao grau de escolaridade. Entre os que têm nível fundamental, Tarcísio tem 33% e, Haddad, 31%. Isto, com a presença de Serra. Sem o tucano, o empate técnico fica ainda mais evidente: 35% a 34%, mantida a vantagem numérica para o atual governador do estado.

Minoria

A diferença favorável a Tarcísio aumenta na medida em que sobem renda e escolaridade dos entrevistados. Para o PT, isso demonstra que Haddad tem sido visto como aliado por, pelo menos, metade dos mais pobres e menos instruídos. O problema é que, em São Paulo, diferentemente do que ocorre na maioria do país, pobres são minoria.

Estado rico

Para que a pesquisa refletisse a realidade do estado, a Quaest levou em conta dados oficiais sobre a população do estado. Essas informações indicam que, em São Paulo, as famílias com renda de até dois salários mínimos são 21% do total — as que recebem de dois a cinco são 44%, as que ganham acima de cinco, 35%.

Rejeição

Além da desvantagem em relação aos mais ricos e instruídos, Haddad tem contra si uma alta rejeição: 58% disseram que conhecem e não votariam no petista. Esse número é vinte pontos acima do registrado em relação a Tarcísio. Detalhe impressionante: 14% disseram não conhecer o atual governador.



Eleitores dividem escolhas entre Lula e Tarcísio

Quaest aponta Tarcísio em São Paulo

Mas preferidos para o Senado são aliados do governo Lula

Por Gabriela Gallo

As eleições no estado de São Paulo aparentam enfrentar características do chamado “voto cruzado”, quando um vencedor para um cargo é eleito de uma eventual linha ideológica, mas outro cargo eleito é de outra vertente.

A Pesquisa Genial/Quaest de avaliação de governo de intenção de votos no estado do São Paulo, divulgada nesta quarta-feira (29), aponta que o eleitor paulista apresenta tendência de reeleger o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos). Contudo, também evidencia que os novos senadores por São Paulo devem ser os indicados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Em um cenário fictício de primeiro turno entre o atual governador, o ex-ministro da Fazenda, o deputado federal Kim Kataguirri (Missão) e o advogado Paulo Serra (PSDB), Tarcísio tem 38% das intenções de votos, Haddad 26%, Kataguirri 5% e Serra também 5%. Em um segundo cenário fictício de primeiro turno, dessa vez sem o advogado, Tarcísio conta com 40% das intenções de votos, Haddad com 28% e Kim segue com 5% dos votos. Em um eventual segundo turno entre Tarcísio de Freitas e Fernando Haddad o atual governador teria 49% dos votos e o ex-ministro da Fazenda 32%.

Por outro lado, apesar do favoritismo de um candidato de

direita e de oposição à atual gestão do presidente Lula, o cenário se inverte nas intenções de votos para os candidatos que visam representar São Paulo nas duas cadeiras livres do Senado Federal.

De acordo com a Quaest, a candidata que tem mais intenções de votos é a ex-ministra do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet (PSB), diretamente ligada a chapa à reeleição presidencial de Lula. E a segunda cadeira está em uma disputa entre o ex-ministro do Empreendedorismo Márcio França (PSB) e a ex-ministra do Meio Ambiente e Mudança Climática Marina Silva (Rede), também aliadas do governo.

Ao Correio da Manhã, o professor de políticas públicas Jackson De Toni explicou que, “em termos de comportamento eleitoral no Brasil”, a situação ocorrer devido ao “caráter predominantemente não-ideológico do eleitor, que não condiciona sua decisão a um alinhamento partidário estrito”.

“Enquanto a escolha para o Executivo atende a lógicas e demandas locais, o voto para o Senado é fortemente influenciado pelo carisma individual do candidato e pelo peso do apoio político de figuras nacionais, como o presidente da República. Portanto, o eleitor dissocia as duas esferas, escolhendo seus representantes com base nas influências e no perfil de cada candidato”.